

Considerações sobre a finitude humana nos *Devaneios* e na *Cerimônia do adeus*: reflexões sobre a morte de Rousseau e Sartre

SOARES, Telmir de Souza.¹

Resumo: A morte é um tema recorrente na filosofia. Quer em se tratando do que acontece depois dela, como em Platão à exemplo da tradição grega, quer nas tradições religiosas que tratam dos temores ligados ao destino da alma como resultado das suas ações em vida; quer sobre as crenças que, por tingirem a morte de maus augúrios, infelicitam a vida presente, como vemos na exortação que Epicuro faz contra esse tipo de abordagem sobre a morte, indicando os remédios para uma vida feliz. De um modo ou de outro, a reflexão sobre a finitude humana, sobre os processos a ela associados e suas consequências, são um objeto importante das reflexões dos filósofos. Entretanto, existem situações em que a morte se apresenta sem reflexão, de súbito, mostrando sua inesperada presença. Nos *Devaneios do caminhante solitário* encontramos Rousseau em mais um momento de busca de refrigério e fuga das perseguições "ilusórias e reais" que o assaltavam costumeiramente em sua vida. Em meio aos passeios no ambiente que mais o alegrava e motivava: os bosques, as florestas, os jardins, em suma, na natureza, se desenha sua última obra. Nesse ambiente no qual nós o vemos em plena recuperação, em que ele se sente melhor das suas doenças físicas e mentais, em meio aos devaneios e à cada caminho percorrido, a morte espreita e se aproxima, até que ela finalmente o alcança. Os *Devaneios* são um texto póstumo no qual vemos, pouco à pouco a morte do filósofo se aproximando sem que ele o soubesse, muito embora cresse o contrário e, muito menos, a desejasse. À medida em que ele se sente bem, reflete sua trajetória ele, sem o perceber, se despede e deixa seu testamento inacabado à posteridade. Os *Devaneios* é um livro interrompido pela morte. Já na *Cerimônia do adeus*, de Simone de Beauvoir, vemos o caminho lento e inexato de Sartre rumo à morte. Nesse texto, temos o testemunho de uma derrocada da vida do filósofo e da perda, pouco à pouco, de tudo aquilo pelo qual a vida faria sentido e assumiria valor para o francês. É também um testemunho de despedida, como o próprio título indica, mas a morte aqui embora reconhecida e retraçada no dia a dia do filósofo não é menos desconhecida e inoportuna. Nossa reflexão, visa um compreender o caminhar desses dois pensadores nos relatos tão próximos de suas mortes numa perspectiva diferente em termos de filosofia. Enquanto lemos os *Devaneios* somos pegos de surpresa pela morte de alguém que se sentia melhorando, acompanhamos seus passos com esperança até um desfecho inusitado, no outro, embora sabendo que o caminho é a morte, o modo como ela acontece nos conduz a revestir de esperança cada momento da vida de Sartre como se tudo pudesse vir a melhorar. Tanto em um como em no outro caso a morte esperada é inesperada, indesejada, embora inexorável. Ainda precisamos aprender a morrer e o objetivo de nossa reflexão é refletir sobre esse imperativo.

Palavras-chave: Rousseau. Sartre. Morte.

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: telmir@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O que é a morte e qual sua relação com a espécie humana? Qual seu papel no âmbito da reflexão filosófica? Quais filósofos se ocuparam desse tema? Eis algumas perguntas iniciais e básicas que nos podem acorrer sobre a questão da morte e sua relevância para a grande maioria dos homens. Mas nosso interesse aqui é outro, bem como nossa questão principal e aquelas a ela associadas: qual a relação íntima do filósofo com a morte quando ele está morrendo embora não o saiba ou não o deseje? O que podemos aprender sobre essa morte que ocorre em meio ao caminho, quando se tem esperança de uma vida prolongada? Quais, então, as relações entre a morte e a vida e qual a melhor postura para que o filósofo, enquanto representante de todos os homens, possa enfrentar seu derradeiro compromisso com a vida?

Comprometer-se com a vida talvez seja a melhor hipótese para dar conta da morte, propriamente falando. Entretanto, quando se trata de refletir sobre isso, nem sempre os filósofos são coerentes com suas premissas e fundamentações. Acerca disso, a reflexão de Epicuro sobre a morte é bastante sintomática. O filósofo grego, considerando as propostas daqueles que tratavam da morte, as achava sem sentido, desprovidas de compromisso, uma vez que aqueles filósofos que alardeavam ensinamentos sobre o morrer para os demais homens não estavam, eles mesmos, dispostos a seguir tais propostas de vida e muito menos de morte. Assim, aqueles que propunham o suicídio como solução para as dores da existência, não apresentavam a mínima coerência e nem mesmo a coragem de assumir a relação entre o discurso e prática uma vez que não se suicidavam para dar o exemplo de vida.

O que expomos até agora é sintomático: a filosofia, a despeito de seus ensinamentos e reflexões, não consegue dar conta da morte. A ideia de que a morte não é nada ou, muito menos, a de que não podemos viver a morte e, por isso, não falar sobre ela representa um discurso longe da existência cotidiana em que as coisas, os seres e os homens com todas as suas esperanças desaparecem em meio a um processo de angústia e dor. Isso, desde os primórdios dessa reflexão, nos indicava que, à primeira vista, os discursos sobre a morte podem até ser sofisticados, fundamentados e interessantes, mas são insuficientes quando a morte se nos apresenta.

Daí o diferencial de nossa investigação que não consiste em saber o que a morte significa nos escritos de Rousseau ou de Sartre, mesmo porque as obras aqui utilizadas compreendem uma dimensão autobiográfica e biográfica, respectivamente, passando ao largo de questões teóricas. Nosso objetivo consiste sobre o falar sobre a morte de um filósofo em meio à vida e à caminho da morte, ou seja, compreende a tentativa de apreender e aprender com esse acontecimento em meio a um processo e não em meio ao discurso, em meio a um acontecimento definitivo até o momento em que ele de fato chega.

Os *Devaneios do caminhante solitário* e a *Cerimônia do adeus* são textos que nos apresentam Rousseau e Sartre já estando velhos, próximos da morte. Em Rousseau percebemos um pensador que tenta dar conta de sua vida à posteridade. É um texto de esperança pelo futuro em meio à desesperança do presente. Mas Rousseau está em um meio que o agrada, a natureza, e ele se sente bem muito embora à cada caminhada o estreitar do caminho da vida o aproxime da morte sem ele mesmo saber. Os *Devaneios* são, entre os livros póstumos, o mais tocante. O autor morre ao caminhar e acompanhar isso é assombroso.

Na *Cerimônia do adeus Sartre* está mais velho quase dez anos a mais que Rousseau e, em função do tempo, os percalços dos desatinos da idade avançada da vida do filósofo são mais sentidos do que nos *Devaneios*. E nessa obra de Simone de Beauvoir vemos Sartre se decompondo pouco a pouco, bem como o assombro e a tristeza daqueles que estão ao seu lado. No fundo, pensamos que para eles era como se nada daquilo tivesse lugar ou razão de ser, que o absurdo da vida deflagrasse o absurdo da morte e que, aquele homem, com toda sua dignidade e sonhos fosse permanecer o mesmo *ad aeternum* e *ad infinitum* no tempo e no espaço. Mas a vida não é assim e, em meio à luta para manter a dignidade, a compostura, a polidez e a sanidade, vemos o esvair de Sartre como um espelho no qual um dia nos veremos, ou não a depender da vida que levaremos.

Tais textos, em sendo obras e expressões fora do contexto teórico, escritos que nos dizem dessas experiências de proximidade com a morte, o que podemos esperar deles e do que nos dizem? Em verdade, sendo obras produzidas em meio à morte, elas nos dizem muito sobre a vida. E, eis que em cada um dos autores, em suas vidas e nos seus caminhos para a morte, podemos encontrar elementos que

nos ajudem a compreender e viver nosso destino último, Essa é a expressão da vontade de nossa investigação.

2 OS DEVANEIOS SOBRE A VIDA ENQUANTO AUTOREFLEXÃO À CAMINHO DA MORTE

O motivo por trás das *Rêveries du promeneur solitaire* é a busca de Rousseau por uma vida mais tranquila que lhe permitisse, em continuidade com as **Confissões** e com a obra ***Dialogues de Rousseau, juge de Jean-Jacques***, fazer uma remissão das questões de sua vida apontando, para a posteridade, seu legado. Segundo o genebrino, seu pensamento fora incompreendido pela sociedade de seu tempo. Esse artifício, de uma escrita para a posteridade, daria a ele a possibilidade de ser julgado com maior certitude, algo que seus contemporâneos não o fizeram visto que tramavam conluíus, difamações, descaracterizações e perseguições às suas costas. Assim, como ele mesmo afirma nos Devaneios, sua escrita se nutria de uma esperança que: "[...] contava ainda com o futuro e esperava que uma geração melhor, examinando com maior cuidado seus julgamentos sobre minha pessoa e seu procedimento para comigo [...] me visse finalmente como sou [...]." (ROUSSEAU, 1986, p. 25).

Rousseau se encontra sozinho: "Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim como irmão, próximo, amigo, companhia [...]" (1986, p. 23), a expressão que abre os Devaneios é pungente, exasperante. Considerando-se o mais afável dos homens, ele tem o seu amor à espécie negado por causa das odiosas acusações que o tratavam, segundo sua percepção, como "*um monstro, um envenenador, um assassino*" (ROUSSEAU, 1986, p. 23).

O texto, que contava à época da morte do genebrino com dez *promenades*, sendo a décima ainda inacabada, consiste numa obra que ainda estava sendo feita, tendo sido publicada postumamente, por Du Peyrou em 1782, em meio às primeiras coletâneas das obras completas de Rousseau. Rousseau morreu em 11 de junho de 1778, ou seja, o texto vem ao público após quatro anos da morte do genebrino.

O nome da obra, *Rêveries*, tem base no verbo francês *rêver* que pode significar a ideia de uma "vagabundagem interior, de abandono, de descanso do

pensamento" (MORETTO, 1986, p.17), o que condiz com a tradução por devaneios, estando associado à atividade de sonhar, assemelhado a um estado onírico mas que, diferente do sonho, se dá como uma atividade que ocorre num estado de vigília. Quanto à palavra *promenade*, ela tem sua origem no verbo *proméner*, um verbo reflexivo em francês, que pode ser traduzido por caminhar e cujo substantivo é a palavra *caminhada*.

O título é condizente com as atividades de Rousseau que, desde sua juventude, era adepto de longas caminhadas, sendo tais caminhadas um dos motivos por ele ter abandonado Genebra ainda jovem. Por essa época, em tendo ido caminhar ao final de um dia de trabalho, no retorno quando já era noite, ele encontra, mais uma vez, as portas da cidade de Genebra, cuja população girava entorno de 25 mil pessoas, fechadas. Sabendo do castigo que sofreria no dia seguinte por ter dormido às portas da cidade, castigo infligido por parte do artesão que o acolhera como aprendiz, ele decide deixar a vida de trabalhador manual de lado e continuar sua caminhada, agora por caminhos incertos e aventureiros. Tais caminhos, que o afastam da vida de aprendiz, o conduzem à vida que o tornaria célebre.

Em meio às suas caminhadas Rousseau fazia várias coisas, sendo a principal delas, justamente, divagar, elevar a imaginação, *devanear*, vagando tanto por mundos físicos, como por aqueles tecidos pela sua fértil imaginação. Ainda mais, nesses momentos, ele observava a natureza; lia nos momentos de descanso e coletava ervas, daí a ideia e o nome da atividade realizada por Rousseau e nomeada de *herborização*.

Mas a vida de Rousseau não é, de fato, um "passeio". Seu itinerário em meio à vida o cumula com doenças físicas e psicológicas. Desse modo, em meio à vida de variados filósofos, ele expressa em si mesmo um dos mais claros relatos do que podemos chamar de "expressão da finitude humana". Por finitude humana compreendemos o limite desse existir em termos das condições do espaço e do tempo, algo que desafia a própria lógica da existência. Ao lado dos acontecimentos que, com o passar do tempo, nos conduzem a nos tornarmos mais desenvolvidos, produtivos e capazes, processam-se eventos com os quais nossas vidas começam a definharem, a se desestruturarem e a perecerem.

Ou seja, a todo e ao todo do tempo a vida é assolada pelo seu desmoronamento precoce, pela constante ameaça de sua aniquilação, o que expõe visceralmente todo o limite que lhe é infligida. Rousseau tinha consciência desse limite e sofria com isso. Seus problemas ligados à bexiga, à gota, às perseguições que, sempre lhe davam os limites espaciais e físicos de sua existência, na mesma medida em que apontavam para o limite do tempo. Espaço e tempo se reduzindo de modo inexorável, irremediável, irrefreável e, acima de tudo, de forma irreversível.

A solução encontrada para esses limites, em Rousseau, se dá diante da ilimitação do "espetáculo da natureza". Assim, o período em Ermenonville, local de parte da escrita das *Rêveries* representa um momento de fuga desse destino, desse desatino da vida, espaço e tempo de fuga da morte, ao mesmo tempo em que dela ele se aproximava, inescapavelmente, a cada passo dado que damos tentando dela fugir. É isso que captamos no filósofo: face ao contato com a natureza ele se sente bem, ele reflete sua vida, lembra suas mágoas e suas desventuras, ao mesmo tempo em que anuncia ao futuro seu legado.

Nesse meio tempo, olhando o filósofo e se assenhorando de sua vida, a Morte, que o carrega nos braços, foi talvez o(a) único(a) amigo(a) que o acompanhou nesses últimos momentos, talvez o(a) único(a) que o tenha compreendido. Em meio à uma vida simples, atenta ao que é mais natural e mais próximo de uma felicidade terrena, cercado de pequenas delícias revigorantes como os passeios em meio à natureza com seus múltiplos aspectos sensoriais, expressos em um momento final de autorreflexão, a morte de Rousseau assume uma dimensão de tarefa cumprida e paz alcançada, um reflexo e uma reflexão para o viver e o morrer do filósofo. Dadas todas as cartas possíveis no jogo da vida, tendo feito um, segundo Simone de Beauvoir, *Balanço final (Tout compte fait)*, eis que a morte é o momento de um encontro final consigo e com seus projetos, o apaziguamento de todas as contradições. Eis que Rousseau expira, eis não mais Rousseau, quando nada mais podia ser feito, a não ser o encontro com essa derradeira companhia, a Morte. Rousseau morreu!!! Viva Rousseau!!!

3 A DESPEDIDA DA VIDA EM SEU ASPECTO LITÚRGICO: A CERIMÔNIA DE UM ADEUS ESPERADO MAS INDESEJADO

Liturgias têm seus aspectos ritualísticos, cerimoniais. Talvez venha, dessa relação, o *motivo* do motivo de Beauvoir ter escolhido essa belíssima expressão para denominar sua obra. A arte de dar nomes às coisas é repleta de maestrias que, infelizmente, não está à disposição de todas as pessoas. Nesse sentido, a *Cerimônia do adeus* de Simone de Beauvoir valeria a leitura, tão somente, pela expressividade e riqueza de seu belíssimo título. Mas o texto é bem mais do que a elegância de seu título, é a realização dele, ao nos aproximar dos ritos e reticências que marcam os últimos dias de Sartre.

Na *Cerimônia* vemos os últimos 10 anos da vida de Sartre, que nasceu em 1905 e faleceu em 1980, descritos por sua mais presente companheira, a filósofa Simone de Beauvoir. No livro vemos expressões do que foi esse relacionamento que, até hoje, desafia as relações amorosas baseadas no casamento monogâmico. Sartre, durante a narrativa, já se encontra velho e doente.

Entretanto, em meio às descrições e às sucessões de meses, estações, datas comemorativas e anos, percebemos que ele vai, aos poucos, perdendo tudo aquilo que ele estimava: sua visão para poder ler e produzir livros e, ainda, para ver e visitar amigos e lugares; sua saúde física em meio aos ataques cardíacos; à decrepitude da perda dos dentes: "[...] Precisava colocar uma dentadura, coisa que temia, por medo de já não poder falar em público e por razões simbólicas [...]" (BEAUVOIR, 2016, p. 21); à chegada da incontinência urinária, "uns gatos mijaram em mim" (BEAUVOIR, 2016, p. 50), disse certa vez; à perda de sua própria sanidade em meio à uma luta contra os lapsos de memória e, por vezes, alguns aspectos de uma leve demência; da sua luta contra o desequilíbrio ao andar; para vencer a crescente imobilidade do seu corpo e às excrescências da senilidade; da sua tristeza em não poder se locomover como antes e em não poder amar como antes; contra a perda dos prazeres que lhe eram caros como fumar, beber e comer o que lhe aprouvesse e contra a perda da própria polidez: ele começa a babar durante a noite, não consegue comer de forma adequada por causa da ausência da dentição e isso, para uma pessoa que, conforme nos informa Beauvoir, era cheia de pudores, parece algo que paradoxal, sendo, entretanto a presença de um fim, a pertença ao não pertencimento de si.

De forma também paradoxal Sartre, em si mesmo, concretizava uma máxima expressa por ele anteriormente: **a vida é um projeto inútil**. A vida tem, como seu

contraponto a morte e esta significa a perda de tudo pelo que lutamos. Assim, quanto mais estamos preparados para vivê-la, mais estamos despreparados para perdê-la, e ela vai se perder e ser perdida em um momento no qual mais poderíamos dela gozar, mais teríamos condições de mantê-la, mais teríamos maturidade para desfrutá-la. Apesar desse fato, a ela nos agarramos a esmo e com esmero quanto mais ela nos escapa entre os dedos, entre os sonhos, em meio à morte.

Os gestos litúrgicos descritos por Beauvoir nos mostram Sartre em plena atividade, em sua militância, abraçando causas ligadas e jornais dedicados às lutas dos operários (o jornal *La Cause du Peuple*), aos perseguidos (a associação *Socorro Vermelho*), às leis consideradas inadequadas impostas pelo Estado, situações nas quais ele manifestava o ideário que o alçou a ser um dos poucos intelectuais ativos em 1968 que era respeitado pelos estudantes. Esse processo participativo durou até que suas dificuldades de saúde o impediram, a despeito de que ele contou com um secretário, com o qual Beauvoir tinha profundas divergências pois, segundo ela, ele se aproveitava da fragilidade de Sartre para vinculá-lo a projetos e ideários que Sartre, em plenitude de si, jamais acataria.

Outro aspecto desses rituais de Sartre tem a ver com a frequência de amigos que compunham o seu entorno: "[...] Ele morava num pequeno e austero apartamento [...]. Levava uma vida bastante rotineira. Via regularmente velhas amigas: Wanda K., Michèle Vian e sua filha adotiva Arlette Elkaïm [...]" (BEAUVOIR, 2016, p. 16). Alguns desses amigos ele sentia falta quando partiam, até o momento em que ele já não os reconhecia mais, já não se lembrava daqueles que morriam, quando da agudez dos seus problemas com a memória. Visitar e ser visitado, beber, comer, conversar com esses amigos foi um dos alentos da vida idosa de Sartre: "Como de hábito, nossa distração preferida era estar com amigos. [...]" (BEAUVOIR, 2016, p. 46).

O mesmo pode ser dito das visitas que ele fazia a lugares anteriormente conhecidos e com pessoas conhecidas, o que estimulava sua memória, seus sentidos, sua imaginação. Sartre não se furtou, em seus últimos anos, apesar de suas dificuldades de locomoção, a deambular com seus companheiros e, principalmente, companheiras sobre os espaços que anteriormente fizeram parte de sua vida.

A escrita representava mais um desses gestos. Nesse período, podemos contar com a produção dos três volumes de *O idiota da família*, bem como uma série de textos e panfletos de ocasião que forma a alegria e a tristeza de Sartre quando, não podendo mais ler, veio a se considerar como alguém inútil.

Mas a *Cerimônia* é um livro de adeus. Em um dos trechos eis que Beauvoir narra sua tristeza sobre a saúde de Sartre e a iminência de sua morte, apesar de não saber ao certo o quando ela chegaria:

[...] Anotei em meu diário: "Este estúdio, tão alegre desde meu regresso, mudou de cor. O bonito tapete escuro evoca um luto. É assim que será preciso viver, talvez ainda com felicidade e momentos de alegria, mas com o peso da ameaça, a vida colocada entre parênteses" (BEAUVOIR, 2016, p. 17)

A sensação da "vida entre parênteses" de Beauvoir nada mais era do que a compreensão da morte como um parênteses na própria vida e não a noção de que a vida e a morte se co-pertencem. Um dos aspectos interessantes da *Cerimônia* tem a ver com esse mal estar diante da morte, como se ela nunca viesse ou, nunca devesse vir. Que a decrepitude com a qual Sartre se depara, não fizesse parte da própria vida, do vivo em todos os sentidos, ou seja, de plantas a planetas em uma estrutura única do universo. Nesse sentido é que a morte, apesar de esperada é indesejada porque incompreendida:

[...] Sartre sempre fora extremamente puritano, jamais aludia a suas necessidades fisiológicas e procedia sempre com a maior descrição [...] "É preciso ser modesto, quando se é velho". Fiquei emocionada com sua simplicidade, com essa modéstia tão nova nele; e, ao mesmo tempo, sentia-me triste por sua falta de agressividade, por sua resignação. (BEAUVOIR, 2016, p. 51)

Entre os ritos que Sartre e Beauvoir nutrem, existe uma ausência em considerar a morte e a vida enquanto momentos co-incidentes, o que faz Beauvoir considerar esses últimos anos como uma "oscilação na morte" e os momentos agradáveis como "aparência de felicidade".

Quanto à Sartre, as dificuldades em produzir filosofia ou literatura o fazem se entristecer: "Não posso mais trabalhar, estou gagá [...]", ou ainda, "Não estou bobo, mas estou vazio" (BEAUVOIR, 2016, pp. 68-69). Situações às quais o médico que o atende, também paradoxalmente e incompreensivelmente, sugere que, na ausência de consciência plena, ele, Sartre, vá fazer, a partir daquele momento em diante, poesia.

Suas dificuldades aumentam e, as pessoas ao seu redor, percebem isso, ele se sente diminuído e, apesar de se conformar, se entristece por considerar-se não mais plenamente em sua condição humana, não mais plenamente em suas faculdades, não mais plenamente ele mesmo:

[...] As coisas não penetravam nele e, como todos seus amigos observavam, estava distante, um pouco entorpecido, quase empanado, tendo nos lábios um sorriso fixo de gentileza universal (sorriso devido a uma ligeira paralisia dos músculos da face). (BEAUVOIR, 2016, p. 69).

Os últimos dias de Sartre se passam em meio à tristeza do seu desvanecimento e à contumaz atividade de Beauvoir em anotar esses momentos nos legam um itinerário de tristeza e dor permeado pela elegância dos gestos rituais que, apesar da alienação progressiva de Sartre de si mesmo, nos dão a medida desse cerimonial de passagem. Se existe uma tristeza por parte de Sartre e uma certa revolta por parte de Beauvoir, acima de tudo existe o gesto humano da despedida de tudo o que representou o humano para um filósofo que julgou a vida uma paixão inútil.

4 CONCLUSÃO

O que nos dizem essas duas vidas que se aproximam da morte? A propósito da morte, realmente, muito pouco. Elas nos dizem mais sobre a vida. Não somente sobre como aprender a morrer, mas muito mais sobre como aprender a viver, sobre a necessidade de instaurarmos uma filosofia da saúde, da existência, uma reflexão que implicasse ao menos três dimensões: a física, a mental e a intelectual (ou seja, sobre o tipo de filosofia que nós fazemos).

O primeiro aspecto de uma tal filosofia diz respeito à noção de finitude: compreender que a vida consiste em si mesma num fim (num término no espaço tempo), num fim em si mesma (viver a vida por ela mesma) e isso, em si mesmo, deveria nos conduzir a existir pelo meio e não visando a um fim ao qual se dedica a vida. Nesse sentido, o começo nos escapa, bem como o fim também. Sartre bem assevera isso: somos conduzidos, levados no início e não nos sobra muitas escolhas, mas o meio é o que nos diz respeito, ou seja, as escolhas que fazemos são aquelas que nos ajudam a viver ou a morrer. Nesse sentido, não posso asseverar, bem ao certo, se Sartre tinha consciência de todas as consequências e implicações do que ele mesmo tinha anunciado.

Em verdade, a vida deveria ser objeto de um estudo ético no âmbito da virtude. Estive vendo livros que tratassem da morte para fundamentar essa investigação. Mas, eles falavam de amor, justiça, liberdade, honra, etc.. Ou seja, os temas básicos e não mais. Mas, eis que, de repente, eu mesmo não mais estava procurando pela morte, mas pela vida enquanto virtude e, ainda assim, não achei sobre o tema.

Entretanto, a filosofia e sua história nos dão conta de muitas questões sobre esse observar a vida, esse viver a vida. Lembremo-nos do ***gnothi seauton***, esse mote que vai sair do portal de Delfos para se tornar o mote de Sócrates. Ele implica em consciência de si. Talvez um dos principais problemas dos filósofos tenha a ver com a consciência de um todo, da totalidade, por oposição à *in-consciência* sobre si mesmo, o que o leva a uma perda de si mesmo.

Qual o modo de vida mais adequado, de viver a própria morte e à própria morte? O pensamento estóico, do qual Rousseau é um adepto nos diz algumas coisas: viver segundo a natureza!!! Mas, em que consiste este viver? Ele se resume em considerar a vida mais simples como a mais complexa de todas. Nossa realidade não nos favorece, vivemos em uma ambiente de necessidades e demandas. Aqui entraria outra escola filosófica: o epicurismo. Cercados de tudo quanto é parafernália, acossados em cada recanto de nossas existências pela onnipresença tecnológica urge que busquemos o simples.

Nesse sentido, Rousseau é o exemplo dessa vida simples e conforme à natureza, a despeito de todas as vicissitudes do nosso entorno. Ele, na velhice, encontra finalmente uma paz, uma sabedoria para enfrentar seus inimigos e escreve, ou seja, permanece numa vida produtiva, para dar conta ainda de seu legado à posteridade.

Em Sartre, à despeito de toda a tristeza que envolve seus últimos dias, percebemos que essa arte de viver consiste em buscar e cultivar uma vida de amizades, de pessoas com as quais estar e que deem significado à vida. Assim, Sartre nos traz algo que faltava, e muito, à Rousseau. Mas ambos, dedicados a estarem em lugares que lhes eram caros, que lhes davam prazer, nos aproximam dessa arte de viver. Ambos, também, nos dão exemplo dessa vida ativa, em atividade que vai ser fundamental para dar sentido ao viver, ao estar vivo.

O último elemento dessa investigação tem a ver com a morte. O que é a morte? Talvez a morte seja algo que nos acontece quando a vida corre de nós, nos abandona, nos deixa. Seria mais ou menos o que Platão informa sobre a saúde: enquanto estamos saudáveis, nem sabemos o que é a saúde, mas quando a doença nos assola é que percebemos, pela ausência, a importância da saúde. É preciso que nosso corpo doa para sabermos da saúde. É preciso que nosso corpo pereça para que saibamos da vida. A morte seria então uma ausência. Mas isso é um engano, o fruto maior de nossa ignorância. A morte é solidária com a vida, coexistente com ela, sua condição mesma de possibilidade: o que torna possível a vida é a morte. A vida é perpassada pela inexistência antes dela, em meio a ela e após ela.

Aprender a viver representa o correlato de aprender a morrer, sua identidade mesma e não sua antítese. Não é possível fazer da morte um grande aprendizado quando não aprendemos a viver e, pelo contrário, fazer da vida um aprendizado se não aprendemos a morrer. E, como nos diz o texto bíblico em Deuteronômio: "Eis que tenho posto diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolha a vida para que vivas". Nada mais filosófico, nada mais heraclíteano e, por isso mesmo, obscuro, porque cabe a nós iluminar esse caminho.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. **Cerimônia do adeus**: seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre agosto-setembro, 1974. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

MORETTO, Fúlvia. Maria Luiza. Introdução. In.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Devaneios do caminhante solitário**. 2a. Ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília e Hucitec, 1986.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Devaneios do caminhante solitário**. 2a. Ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília e Hucitec, 1986.